



FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA
LICENCIATURA EM ANTROPOLOGIA

Processo de integração e estratégias de protecção dos moradores dos “*mugorode*”, na baixa da cidade de Maputo

Candidato: Arnaldo Marcelino João Moisés

Supervisor: Emídio Vieira Salomone Gune

Maputo, Dezembro de 2015

**Processo de integração e estratégias de protecção dos “mugorode”, na baixa
da cidade de Maputo**

Trabalho submetido ao Departamento de Arqueologia e Antropologia como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciatura em Antropologia na Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane.

O candidato

Arnaldo Marcelino João Moisés

O supervisor

O presidente

O oponente

Maputo, Dezembro 2015

Índice

Declaração de originalidade.....	i
Dedicatória.....	ii
Agradecimentos	iii
Lista de abreviaturas	iv
Resumo	v
1. Introdução	1
2. Revisão de literatura	3
3. Enquadramento teórico e conceptual	6
3.1. Conceptualização	7
4. Procedimento Metodológico.....	8
4.1. Métodos e técnicas de recolha de dados	8
4.2. Fases da pesquisa	9
4.3. Trabalho de campo.....	10
4.4. Constrangimentos no trabalho de campo.....	15
5. Processo de Integração e Estratégias de Protecção dos Moradores de “ <i>Mugorodes</i> ” da Baixa da Cidade de Maputo	17
5.1. Contexto da pesquisa	18
5.2. De casa a rua: trajectórias dos “Moradores de Mugorodes”	22
5.3. Processo de integração dos moradores dos “Mugorodes” no contexto de Rua	25
5.4.1. Estratégias de protecção nos Mugorodes	30
5.4.2. Estratégia de Protecção com família de proveniência	36
6. Considerações finais	40
Referências.....	42

Declaração de originalidade

Declaro por minha honra que este projecto de pesquisa é original, nunca foi apresentado parcial ou integralmente em nenhuma instituição para obtenção de qualquer grau académico. O mesmo constitui o resultado da minha investigação pessoal, estando indicadas no texto e na referência bibliográfica as fontes utilizadas.

O candidato

Arnaldo Marcelino João Moisés

Dedicatória

Dedico este trabalho a minha amável mãe, dona Páscoa Paulo Patife.

A minha avó Isaura João, meu tio Sindique Bilaide, meus irmãos Francisco, Alaquinia e a minha namorada Nádia Lobo pelo amor incondicional.

Agradecimentos

Agradeço a todos que directa ou indirectamente ajudaram me nesta formação. A vocês expesso o meu sincero obrigado pelo companheirismo e preocupação.

Agradeço aos moradores de “*Mugorodes*” pela disponibilidade, e convivência que tivemos durante a pesquisa.

Ao meu supervisor dr. Emídio Vieira Salomone Gune, a quem muito admiro e que tudo fez para a materialização desse trabalho desde as correções, sugestões, conselhos e paciência.

Agradeço aos docentes do Departamento de Arqueologia e Antropologia da Universidade Eduardo Mondlane. Agradeço de forma particular ao dr. Danúbio Lihaha pela coragem que me deu em continuar a estudar os moradores de rua.

Agradeço aos meus colegas de Antropologia 2011 que juntos partilhamos experiências ao longo desses anos de formação e cada um deu o seu melhor em especial Cribino Raúl, Gabriel Muchombe, Rosário Chimundo, Anifa Vilanculo, Fátima Carimo e Issufo Muhamad.

Agradeço a minha mãe Páscoa Paulo Patife, pelo amparo incondicional, Mãe te amo hoje, amanhã e sempre. A minha avó Isaura João, por me forçar a trocar o futebol pela academia. Meu tio, Sindique Bilaíde por estar presente em todos momentos da minha vida, desde a educação familiar e académica. Aos meus irmãos, Francisco e Alaquinia, pelo amor, convivência, apoio moral e psicológico. E a minha “My Heart” Nádía Lobo, agradeço por fazer parte da minha vida e acompanhar com êxito a minha formação académica.

Agradeço aos meus amigos Isac Sualei, Inácio Manjate, Arsénio Redondo, Janne Baltazar, Delito Benjamim, Abú Choe, Hassamo Jala, Afonso Miguel, Ntikama Malapende, Nhazilo Faro e Cremildo Mubate. Agradeço-vos por plantarem em mim o espírito de luta pela vida.

Muito obrigado!

Lista de abreviaturas

ADRA	Agência Adventista de Desenvolvimento e Recursos Assistenciais
CEA	Centro dos Estudos Africanos
CFM	Caminhos de Ferro de Moçambique
DAA	Departamento de Arqueologia e Antropologia
MDM	Associação Meninos de Moçambique
MMAS	Ministério da Mulher e da Acção Social
UEM	Universidade Eduardo Mondlane

Resumo

A presente pesquisa analisa o processo de integração e estratégias de protecção dos “moradores de *Mugorodes*” da baixa da cidade de Maputo. Na literatura esse grupo de pessoa é designado de meninos de rua, crianças de rua ou morador de rua, nesse trabalho categorizo-os de “moradores de *Mugorode*”.

Da literatura analisada sobre o referido assunto, identifiquei duas abordagens. A primeira defende que os meninos de rua são indivíduos excluídos socialmente. A segunda defende que os meninos de rua são indivíduos que possuem uma organização social. A primeira abordagem permite compreender a exclusão social dos meninos de rua mas fica por compreender a forma como eles estão socialmente organizados. A segunda permite-nos compreender a organização social existente entre os meninos de rua mas fica por compreender ainda o processo de integração e protecção dos “moradores do *Mugorode*” no contexto de rua.

Para compreender o processo de integração e estratégias de protecção dos “moradores de *Mugorodes*”, realizei um trabalho etnográfico nos *Mugorodes*. Com base nas observações, conversas formais e informais, sustento que os “moradores de *Mugorodes*” tem organização e normas, a semelhança do que Manjate (2014) mostrou, de tal forma, possuem um processo de integração que acontece quando os indivíduos chegam a rua, uma vez integrados, eles desenvolvem um conjunto de estratégias de protecção como o uso de pseudónimos, andar limpo e viver nos *Mugorodes*. Estas estratégias desenvolvem entre os “moradores de *Mugorodes*” como também membros da família ou a família de proveniência faz parte. Com as mesmas eles protegem-se dos polícias, dos amigos e das pessoas que não fazem parte do contexto da rua.

Este trabalho permite compreender que os “moradores de *Mugorode*” possuem estratégias próprias de integração e de protecção como também, mantém relações com seus familiares de proveniência, diferentemente dos estudos que olham-nos como excluídos e desprotegidos.

Palavras-chaves: Integração social, estratégia e protecção.

1. Introdução

Viver na rua não significa viver sozinho, mas estabelecer novos vínculos com diferentes pares. Assim, viver na rua é também transitar pela possibilidade de gerar renda como estratégia para agregar valor à própria existência. (Ghirardi et al 2005:603).

O presente trabalho analisa processo de integração e estratégias de protecção dos moradores de “*Mugorodes*”¹ da baixa da cidade de Maputo. Antes de chegar a esse assunto, o meu interesse era de estudar “risco entre um grupo de moradores de rua”, porque via que eles dormiam e cozinhavam na rua. Entretanto quando comecei a seguir essas pessoas, a observar o seu quotidiano e a ouvir as suas conversas, ocorreram três situações que levaram-me a estudar processo de integração e estratégias de protecção dos “moradores de *Mugorodes*”.

A primeira ocorreu durante um passeio na baixa da cidade de Maputo, onde observei algumas pessoas a dormir na avenida Eduardo Mondlane e outras a cozinhar na ruína do “escuro 1”. A segunda ocorreu quando a tia de um dos participantes desta pesquisa, procurava pelo seu sobrinho Paulo. Chegado a rua perguntou por Paulo, na altura os participantes disseram que não o conheciam e quando ela foi-se embora, alguns disseram para mim que o tal Paulo é o General. A terceira situação ocorreu quando num dia alguns polícias entraram no “*Mugorode* escuro 2” a procura de Samuel, e os outros disseram que não existia um indivíduo de nome Samuel e quando os polícias foram-se embora, Sicalane informou-me que o tal Samuel é Macabeça.

Depois dessas experiências percebi que o uso de nomes fictícios no contexto de rua tinham como finalidade proteger os “meninos de rua”. O que levou-me a estudar processo de integração e estratégias de protecção dos “moradores de *Mugorodes*”.

Depois de ter observado o fenómeno do “*Mugorode*”, recorri a literatura que analisa meninos de rua. Da literatura analisada identifiquei duas abordagens. A primeira defende que os meninos de rua são indivíduos excluídos socialmente. A segunda defende que os meninos de rua possuem

¹ *Mugurode* é a designação usada para se referir ruínas (Manjate 2014).

organização social. Perante essas duas abordagens e olhando no que pretendo analisar, nenhuma delas de forma isolada pode responder a complexidade do meu objecto de estudo, porque apresenta detalhes e elementos que transcendem o poder explicativo de cada uma delas.

A primeira abordagem homogeniza os seus pressupostos e perde de vista a organização social dos meninos de rua. A segunda abordagem se por um lado permite compreender a organização social dos meninos de rua, por outro lado fica por compreender como os mesmos meninos se integram e se protegem no contexto da rua. Diante destas limitações, no presente estudo questiono processo de integração e estratégias de protecção dos meninos de rua.

Para compreender o processo de integração e estratégias de protecção dos meninos de rua, realizei um trabalho etnográfico em alguns “*Mugorodes*” na baixa da cidade de Maputo. Com base nas observações, conversas formais e informais, sustento que os “moradores de *Mugorodes*” tem uma organização e normas, de tal forma há um processo de integração que acontece quando os indivíduos chegam a rua. Uma vez integrados, eles desenvolvem um conjunto de estratégias de protecção como uso de pseudónimos, andar limpo e viver nos “*Mugorodes*”. Estas estratégias são desenvolvidas entre “moradores de *Mugorodes*” como também com membros da família ou a família de proveniência. Com as mesmas eles se protegem dos polícias, dos amigos e das pessoas que não fazem parte do contexto da rua.

O trabalho está estruturado em seis partes, na primeira parte apresento a introdução, na segunda parte trata da revisão de literatura sobre os “moradores de *Mugorode*” e na terceira parte intitulada “enquadramento teórico e conceptual” apresento as abordagens e os conceitos operacionalizados neste trabalho. Na quarta parte apresento os procedimentos metodológicos e os constrangimentos encontrados no percurso da pesquisa e as acções tomadas para superar os mesmos. A quinta parte está dividida em cinco secções que me levaram a produzir o argumento que defendo nesta pesquisa. A sexta é reservada às considerações finais.

2. Revisão de literatura

Na revisão de literatura sobre meninos de rua identifiquei duas abordagens. A primeira defende que os meninos de rua são indivíduos excluídos socialmente (Craidy 1998; Cesne 1990; Rivotti 2007; Sixpence 2010; Da Matta 1997). A segunda abordagem faz crítica a primeira e defende que os meninos de rua possuem uma organização social (Manjate 2014, Ascitti e Kishimoto 2002; Goffman 2002).

Craidy (1998), no seu estudo sobre meninos de rua e analfabetismo no Brasil concretamente em São Paulo, sustenta que os meninos de rua são excluídos socialmente por não saberem ler e escrever. Para a autora o não saber ler e escrever dos meninos de rua, deve-se pelo facto de eles romperem suas relações com as instituições sociais e pela ausência de relações permanentes com adultos. Estando assim na situação de instabilidade, insegurança, estresse e falta de possibilidades de organizar suas vidas (Idem).

Para Craidy (1998) o facto dos meninos de rua não saberem ler e escrever são cassados a palavra, como também, têm uma posição subalterna no quotidiano da sociedade letrada e possuem possibilidades limitadas de intervenção social. Cesne (1990) compartilha com a ideia de Craidy (1998) ao sustentar que as crianças de rua de Moçambique são indivíduos abandonados e provem de famílias pobres. Elas são magras, sujas e garantem a sua reprodução social lavando carros, pedindo dinheiro e passam o seu tempo nos passeios, nos parques de estacionamento e nas lojas (Idem).

Esse posicionamento é corroborado por Rivotti (2007) ao constatar que os moradores de rua de Portugal são vistos pela sociedade como indivíduos que incomodam e causam doenças nas outras pessoas, porque transportam consigo lixos. Ainda de acordo com Rivotti (2007) esse grupo de pessoas só tem direito a descanso a noite, por ser o período mais calmo e nesse mesmo período eles dormem nas escadas de prédios, varanda de lojas e nos passeios.

Por sua vez Sixpence (2010), no seu estudo sobre crianças vulneráveis em Moçambique, argumenta que no contexto familiar assim como no seio dos vizinhos, as crianças de rua são

rejeitadas e desconfiadas. E esse estigma leva a sociedade a tratar as crianças de rua de uma maneira diferente e isso tem contribuído bastante para a permanência das mesmas nas ruas.

Para Sixpence (2010) o estigma é um dos factores fundamentais que contribui para a existência do fenómeno de crianças nas ruas, e afirma que as crianças de rua tem “conhecimento que elas representam um perigo para a sociedade e isso faz com que as mesmas tenham poucas possibilidades de gerirem o seu estigma e de interagirem com a sociedade, razão pela qual procuram estar num espaço onde possam reduzir a aplicação do estigma, evitando deste modo estarem sujeitas constantemente a situações de inferiorização” (Ibd: 7). Com um pensamento similar a Sixpence (2010). Da Matta (1997) sustenta que o grupo de meninos de rua por estarem de forma permanente na rua, acabam transformando a mesma e consideram-na como sua casa.

Os estudos da primeira abordagem homogenizam os seus pressupostos em relação aos meninos de rua, e perdem de vista a organização social que ocorre entre eles. Diferentemente da primeira abordagem, a segunda defende que os meninos de rua possuem uma organização social.

Um dos autores que enquadro nessa abordagem é Manjate (2014) no seu estudo sobre organização social dos “moradores de *Mugorodes*” da cidade de Maputo, argumenta que os meninos de rua estão organizados em unidades a qual denominam de “*Mugorodes*” e estes constituem os seus lares. Segundo Manjate (2014) “*Mugorodes*” onde vivem os meninos de rua, tem um chefe geral que controla todos “*Mugorodes*” existentes na zona da baixa da cidade de Maputo e em cada zona o chefe indica um sub-chefe de actividades produtivas, de actividade de diversão que semanalmente tem a obrigação de apresentar um relatório ao chefe geral e este por sua vez vai apresentar na Associação Meninos de Moçambique.

Ainda de acordo com Manjate (2014) apesar de existir uma organização social nas zonas onde vivem os meninos de rua, as mesmas não são isentas de problemas. Assim para Manjate (2014) Os principais problemas que acontecem nos “*Mugorodes*” são de roubos e doenças. Os roubos podem ser praticados por pessoas do mesmo “*Mugorode*” ou de “*Mugorodes*” diferentes e as doenças mais frequentes são diarreias, malária, sífilis e gonorreias (Idem).

Asciutti e Kishimoto (2002) no seu estudo sobre organização social das crianças de rua de São Paulo, sustenta que as crianças de rua vivem em grupos e constroem códigos próprios de convivência e sobrevivência que se manifesta na ocorrência de um perigo. Deste modo, qualquer indivíduo que pretender fazer parte do grupo de meninos de rua, deve ganhar confiança, expondo-se aos perigos da mesma forma que os outros, de seguida o grupo lhe concede a inclusão, passando a ser um dentre eles com os mesmos direitos e deveres (Idem).

Goffman (2002) corrobora com Asciutti e Kishimoto (2002) ao sustentar que a confiança que o grupo concebe ao indivíduo, depende das informações que o grupo tiver sobre esse mesmo indivíduo, porque as informações ajudam a definir a situação, permitindo aos outros saberem de antemão o que espera o indivíduo deles e o que poderão eles esperar do indivíduo. Como também, se o grupo dispuser das informações adequadas, os outros saberão melhor como devem actuar a fim de obterem do indivíduo a resposta que desejarem.

No geral da literatura analisada sobre meninos de rua é possível compreender que os meninos de rua vivem de forma organizada mesmo estando a viver fora das suas famílias biológicas, mas fica por compreender ainda o processo de integração e estratégias de protecção dos moradores de “*Mugorodes*”.

3. Enquadramento teórico e conceptual

Para a orientação da presente pesquisa adoptei a teoria do interacionismo simbólico para compreender o processo de integração e protecção dos “moradores de *Mugorode*”.

O interacionismo simbólico parte do pressuposto segundo qual os indivíduos constroem suas relações sociais em função do seu quotidiano. Pressupõe ainda que os comportamentos humanos se constroem e se compreendem num contexto de interação social mediatizados pelos símbolos, e por meio destes os indivíduos interagem, atribuem sentidos as suas experiências e das experiências com os membros do seu contexto (Mead 1973). Assim sendo, os significados que provem da interação entre duas ou mais pessoas são manipulados por um processo interpretativo (Sousa 2006).

Para esta perspectiva o indivíduo passa por três momentos, o primeiro momento é a fase preparatória, considerada como a fase mais primitiva e intuitiva da construção do indivíduo. Esta fase inclui a imitação dos papéis sociais que são gestos, palavras e sons, mas o indivíduo não consegue dar significados (Mead 1973). O segundo momento é a fase de aquisição da linguagem, nesta fase o indivíduo aprende as diferentes expressões da língua, diferenciando o objecto que o rodeia, partilhando com os outros o significado, mas não é capaz de fazer uma relação entre eles. O terceiro momento é a fase de representação, que é a necessidade que o indivíduo tem de organizar e assumir dentro da sua experiência individual adoptando todos os papéis e interiorizando os outros, tornando-se assim um agente social (Idem).

A adoção da teoria interacionista neste trabalho, permitiu-me perceber que quando um indivíduo se encontra com os moradores de “*Mugorodes*” pela primeira vez, interage de forma intuitiva e espontânea, de seguida familiariza-se com um dos grupos ou um dos membros dos moradores de “*Mugorodes*” e com eles aprende os códigos, regras, símbolos e depois é integrado nos “*Mugorodes*”. Integrado, o indivíduo encontra protecção dentro dos grupos como também, desenvolve outras estratégias de protecção.

3.1. Conceptualização

Neste trabalho uso os conceitos de integração social, estratégia e protecção.

Integração social

Para Maia (2002) integração social é um processo de inclusão social e económica, que pode ser individual ou colectiva a uma nova forma de viver.

Na mesma linha de pensamento Grafmeyer (1994) entende integração social como um processo de pertença de um ou mais indivíduos a uma nova comunidade com a mesma oportunidade económica, social, participa na vida pública e partilha do mesmo modelo cultural.

A definição de Grafmeyer (1994) ao destacar integração social como ligação de um indivíduo a um grupo ou associações, passando este a viver em função dos modelos impostos, torna-se problemática pois perde de vista o comportamento dos indivíduos que não fazem uma ruptura total dos seus valores anteriores a integração.

Pinto (1995) nos ajuda a perceber que integração social é o acasalamento entre o que o indivíduo foi transmitido pelo seu lugar de proveniência e o que aprende e lhe é proposto pelo grupo que pretende fazer parte, dependendo da aceitação que o individuo tiver da colectividade.

O conceito de Pinto (1995) ajudam-me a perceber os dados desta pesquisa pois a integração social é uma negociação que ocorre quando os indivíduos ou grupos de indivíduos se encontram. E os indivíduos integrados não só ganham e incorporam novos modelos culturais como também, mantém com os seus modelos culturais anteriores e transpõem para os outros membros da nova colectividade.

Estratégia

Segundo Roberts (1994) estratégias são mecanismos ou princípios que guiam os indivíduos de uma família na procura do bem-estar, na sobrevivência e na mobilidade social. Assim sendo, os indivíduos são influenciados por normas sobre as obrigações dos membros, estas são partilhadas quanto as prioridades da família.

Esta visão assemelha-se a de Bourdieu (1996) quando refere estratégia como um conjunto de acções dos agentes sociais na busca de perspectivas e soluções dadas pelo universo onde se encontram inseridos. Estas estratégias funcionam como condições de sobrevivência sociocultural, política e económica.

Neste trabalho utilizo o conceito de estratégia proposta por Bourdieu (1996) porque explica as estratégias usadas pelos moradores de “*Mugorodes*” para se integrarem e se protegerem no contexto de rua.

Protecção

No presente trabalho protecção é definida segundo Visani (2013) como um conjunto de medidas ou cuidados preventivos de um eventual risco ou problema de modo a garantir a segurança de sobrevivência, de acolhimento e de convívio ou vivência familiar.

4. Procedimento Metodológico

Nesta parte do trabalho explico os passos trilhados para a elaboração desta pesquisa, a partir dos métodos e técnicas de recolha de dados, fases da pesquisa, a minha inserção no terreno, como também os constrangimentos no processo da elaboração da pesquisa e as formas como os superei.

4.1. Métodos e técnicas de recolha de dados

No âmbito da recolha de dados para a realização do presente trabalho, usei o método etnográfico que consistiu em olhar, ouvir e escrever como recomenda (Oliveira 2000). Mantive contacto constante com alguns grupos de “moradores de *Mugorodes*”, do “Tobias”, “Escuro 2”, “Barreiras do Desportivo” e da praça”, e Realizei visitas aos centros de acolhimentos, mercados da baixa da cidade e alguns locais a saber “Maquinta²”, “padre Muchina³”, ADRA e CFM).

² *Máquina* expressão usada pelos meus participantes para dizer local para receber comida (arroz e feijão) nas quintas-feiras a partir das 12 horas.

³ *Muchina* expressão usada pelos meus participantes para dizer receber sandes e refresco nas sextas-feiras.

Foram feitas observações em locais onde visitava e circulava com os meus participantes, estas permitiram-me ver como os indivíduos confeccionam os alimentos, onde e como dormem, o que fazem para comer, comprar roupa, o que fazem para se divertirem, se protegem, jogos, construção e venda de casa, higiene, intimidades e como cuidavam as suas necessidades fisiológicas. Estes dados eram anotados no campo de mensagem do telefone as vezes memorizadas e transcritas na folha A4 quando chegasse a casa.

As conversas informais e formais eram feitas individualmente e colectivamente, estas ocorriam em diversos locais tendo em conta a disposição dos indivíduos. Com isso foi possível perceber as histórias de vida, as trajectórias e compreender a dinâmica dos acontecimentos actuais vivenciados pelos indivíduos assim como identificar os papéis que os mesmos desempenhavam no seio do contexto em que estão inseridos. Estes assuntos eram por vezes memorizados e outras vezes eram anotados no papel A4 e mais tarde transcritas no bloco de nota em casa e lia sistematicamente. Optei em deixar o bloco de nota em casa, era para deixar os participantes a vontade e manter a naturalidade da realidade.

4.2. Fases da pesquisa

Realizei o trabalho em três fases complementares, a primeira foi a fase da pesquisa etnográfica, a segunda a revisão de literatura e a terceira fase foi análise e sistematização dos dados.

A fase da pesquisa etnográfica decorreu entre os meses de Junho de 2014 a Fevereiro de 2015. Nesta fase observei e conversei com os participantes desta pesquisa nos “*Mugorodes*”, nos mercados, nas associações e centros que velam sobre moradores de rua, assim como no *Maquinta*, e no padre *Muchina*. Nesses espaços, eu prestava atenção no que os meus participantes faziam, diziam, vestiam como também as explicações que eles davam sobre o que diziam, faziam e vestiam. Esta prática etnográfica realizava todos dias da semana alternando as horas e tem vezes em que eu dormia com os participantes.

A fase de revisão de literatura realizei de forma continua. Nesse processo consultei, monografias, dissertações, artigos e livros na biblioteca Brazão Mazula, Centro dos Estudos Africanos (CEA),

biblioteca do Departamento de Arqueologia e Antropologia (DAA) ambas situadas no campus Universitário da UEM. Para além destas instituições, fui também na Biblioteca do Ministério da Mulher e Acção Social agora Ministério de Género Criança e Accao Social e as bibliotecas virtuais. Nestas instituições procurei estudos que versam sobre meninos de rua, integração e estratégias e protecção.

Na última fase, fiz a análise e sistematização dos dados. Pois nesta fase fiz a selecção dos dados colhidos no campo e agrupei em partes. Na primeira parte agrupei os dados sobre o que eu observava, na segunda agrupei dados sobre o que eles faziam, na terceira agrupei dados sobre o que eles diziam que faziam. Depois analisei os dados e percebi que existia lógica no que eles faziam e diziam. Peguei nos dados analisados e dividi em quatro secções a saber trajectória, integração, protecção e família, o que permitiu-me a chegar no argumento segundo qual, os meninos de rua possuem estratégias próprias de integração e de protecção como também, mantém relação com os seus familiares de proveniência.

4.3. Trabalho de campo

O primeiro contacto com o contexto da pesquisa foi no dia 28 de Maio de 2014 quando passava da avenida Eduardo Mondlane na zona da pandora, local onde observei um grupo de pessoas a cozinhar, a dormir no passeio da avenida e outras com a cabeça mergulhada no tambor de lixo.

Diante dessa situação, surgiu em mim a ideia de estudar “risco entre um grupo de moradores de rua” pelo facto destes estarem a dormir ao relento e estarem sempre nas lixeiras. Pelo caminho me perguntava, como irei entrar em contacto com aquele grupo de pessoas supostamente conhecidas como violentas e marginais.

Passava na Avenida de segunda-feira a sexta-feira nas manhãs quando ia a faculdade e nas noites quando saía dos meus afazeres. Sempre que passasse por aquele lugar, deparava-me com aquele grupo de pessoas. Num dia pelas 18 horas decidi conversar com esse grupo de pessoas. Fui ao encontro delas e simultaneamente olharam para mim, na sua expressão facial, eu via um estranhamento, desconforto e desconfiança por parte deles sobre a minha presença naquele lugar.

Nesse momento, eu estava com medo e com vontade de estar longe daquele lugar, mesmo assim me apresentei a eles e simultaneamente responderam: *você quer falar o que connosco? És jornalista? Ou quer nos tirar foto?* Foi quando um dos elementos do grupo levantou e veio até a mim e disse o seguinte: *você tende sair daqui agora, porque mano Black quando vier, vai te fazer muita merda*⁴. Naquele momento pareceu-me que as palavras daquele indivíduo deram forças aos outros. Em voz alta todos falaram, *jovem vai embora se não vamos-te bater*. De imediato saí daquele lugar com sentimento de alívio, desisti de querer estudar aquele grupo de pessoas.

Numa conversa com um dos docentes do Departamento de Arqueologia e Antropologia da Faculdade de Letras e Ciências Sociais da UEM, falei do meu suposto abandono do assunto que pretendia pesquisar. Este por sua vez explicou que, todo trabalho de pesquisa tem constrangimentos e não adianta desistir no primeiro que aparecer. Até porque a riqueza de uma etnografia reside nesse mesmo ponto, superar os constrangimentos e se inserir no contexto da pesquisa.

Passados dois dias, quando estava a caminho da associação dos estudantes universitários da UEM, na baixa da cidade de Maputo, onde fui membro, observei pessoas a cozinharem numa ruína denominada escuro 1. Para não passar os mesmos constrangimentos que tive antes, procurei informações de como ter contacto saudável com esse grupo de pessoas. Por ventura soube que havia um colega que estava a estudar o mesmo grupo. Procurei conversar com o colega sobre o seu trabalho e aproveitei da mesma conversa para pedir explicação de como aproximar aos moradores de rua.

Assim aconteceu, numa manhã de segunda-feira, transportados no carro de my love⁵ cheguei pela primeira vez na associação de meninos de Moçambique. Na associação o colega apresentou-

⁴ *Merda* é uma palavra do calão para designar maldade ou violência

⁵ *My love* é uma palavra inglesa usada no quotidiano para designar transporte Semi-colectivo de caixa aberta

me ao responsável da área social da associação. Depois da apresentação e saudações, o responsável pediu um documento que me credenciava fazer estudo sobre os meninos da rua. Passado uma semana, voltei a associação com a credencial, receberam-me e indicaram um dos funcionários que me apresentou aos meninos de rua, mostrou como a associação funciona e o mesmo tinha a missão de me acompanhar durante a pesquisa.

Conforme a situação descrita acima, lembrei-me dos ditos de Malinowski, quando diz que o etnógrafo de campo “deve distanciar-se dos homens brancos que tem a sua forma habitual de lidar com os nativos e não compreende, nem parece querer compreender, a maneira como você, enquanto etnógrafo, os terá de abordar” (Malinowski 1974: 20). Me inspirando nos ditos de Malinowski, de forma pacífica, recusei a companhia do homem branco, neste caso o funcionário da associação. Posto isto, comecei a observar a rotina dos meninos dentro da associação durante duas semanas e nesses dias os meninos me perguntavam, *você é novo formador da medicina (associação)? Você trabalha a qui?*

Perguntei a um funcionário porque é que eles fazem essas perguntas, e tive a seguinte resposta: *eles te fazem estas perguntas por causa de sua forma de vestir*. Passei a me apresentar de maneira mais simples possível de forma a me identificar com eles, devido a essa atitude consegui fazer amizades, captei alguns nomes, assim como as coisas que os indivíduos faziam dentro da associação. Particpei em algumas actividades dentro da associação e realizei partidas de jogo de matraquilhos com os meninos de rua. Onde introduzi uma brincadeira, esta consistia em; se eu e minha dupla marcássemos golo na baliza adversária, tínhamos que dizer “bele beleza” e nos apertarmos as mãos, essa brincadeira foi assimilada por muitos e assim comecei a ser chamado “Beleza”. Durante o tempo que estive a observar, percebi que na associação frequentavam dois grupos de moradores de rua, os meninos da rua, estes são os primeiros a chegar na associação para assistir a televisão e jogar matraquilhos, os moradores de “Mugorodes” são os últimos a chegar na associação, algumas meninas do “Mugorode” próximo a associação apareciam as 15horas para tomar banho.

No período das 12 horas até as 14 horas o centro fecha. Este volta a abrir as 14 horas e 30 minutos. No período em que a associação fechava, observava um grupo de meninos a ir na praça perto da fortaleza de Maputo e outros eu não sabia onde iam. Segui alguns que brincavam comigo até a praça, chegado lá, compraram pão com bajia e de seguida eu perguntei: *nós não temos direitos a pão?* E Gaspar respondeu: *cada um compra seu pão*. Eu tirei 50 mt comprei pão e bajia para mim e mais três outros que estavam sem dinheiro. Foi quando Salomão pergunta *Beleza, agora eu?* Nesse momento um dos meninos de nome 75 disse; *“a partir de hoje, esse já não é beleza, é Tall Man⁶”*. Perguntei ao 75 o porquê do nome Tall Man, ele respondeu, *“você é baixinho e forte e quando a policia te procurar não vão saber que Tall Man é baixinho*. Depois da atribuição do nome, levaram-me para “Mugorode” escuro dois. Lá conheci outros meninos e comecei assim a participar nas suas rotinas diárias nos “Mugorodes” e nas associações.

Nas quintas-feiras a partir das 9 horas até as 11 horas, a associação de Meninos de Moçambique é muito movimentada com os meninos de rua, alguns “Denguas⁷” e moradores do “Mugorode”. A maioria dos Denguas eu não conhecia, mas perguntavam aos outros, *quem é esse?* A referir a mim, e alguns que me conheciam respondiam, *esse é mano Tall Man* e passei a ser conhecido.

A partir das 11 horas e 30 minutos as pessoas começam a sair com plástico nas mãos, eu perguntava, onde vão com esses plásticos? Diziam; vamos ”tatelar”⁸ no “Maquinta”, *vamos Mano tall, se não, vais morrer de fome, esses da associação não dão comida*. Ofereceram-me plástico e juntos fomos no “Maquinta”, lugar onde recebemos arroz com feijão e fomos comer no “Mugorode” de Tobias, aqui conheci outros moradores do “Mugorode” como: Anifa, Margarida e Rafiqui. Nesta mesma quinta-feira, passamos o dia a brincar. Os participantes desta pesquisa tratavam-me como ingénuo, cada um transmitia sua experiência

⁶ *Tall Man* é uma palavra inglesa usada no quotidiano para designar homem alto, mas no contexto da pesquisa “Tall Man” é um nome fictício que segundo os meus participantes significa homem baixinho.

⁷ *Denguas* é uma palavra usada no contexto da pesquisa para designar pessoas mais antigas do contexto de rua.

⁸ *Tatelar* é uma palavra usada no contexto da pesquisa para referir pedir esmola (dinheiro, comida)

A noite fomos a rua Araújo⁹ para proteger as meninas do “Mugorode”, devido as agressões que elas tem sofrido no acto da venda de sexo. As 3 horas fomos para o ‘Mugorode’ das Barreiras do desportivo, dormi com Celso um dos principais participantes desta pesquisa. Na tarde da sexta-feira, fomos jogar futebol, enquanto jogávamos, as meninas tomavam banho de calcinhas. Perguntei ao Scalane, porque que as meninas estão a tomar banho quase nuas na nossa presença?

Este respondeu o seguinte, *Mano Tall, essas são nossas irmãs, nós já nos habituamos, quando precisares de uma dama da que do “Mugorode” tens que falar comigo, para te mostrar uma dama boa e limpa que não tem damo. Porque a que ninguém curti com dama do outro, quem for encontrado com dama do outro pode ser faqueado.*

Terminado o jogo, voltamos para as barreiras do desportivo, construimos “babos¹⁰” para mim e para os outros, nesse dia, observei a venda de um “babo” a 100 meticais. Nessa altura a minha existência no contexto de rua já não era problema, eu era conhecido por quase todos os grupos de moradores de rua.

Grupos diferentes levavam-me para sítios diferentes, até que um dia no ‘Mugorode’ do escuro dois, no período das 9 horas entraram polícias para fazer recolha, atiraram dois tiros para cima e gritaram, *ninguém corre*. Nesse momento alguns fumavam “maçaroca”¹¹, eu nada sabia, fiquei sentido e a tremer, os meus companheiros já tinham fugido e passaram de um lugar que nunca haviam me mostrado, foi quando o General voltou e pegou-me o braço, juntos fugimos para *Mugorode* do desportivo.

Foi através desse episódio que conheci os Denguas do “Mugorode” e um deles disse assim; *puto você tem muita coragem, mas tens de ficar esperto, porque todos “Mugorodes” tem portas fantasmas e quem conhece são os verdadeiros Mugorodistas, assim você já é Mugorodistas com*

⁹ Rua Araújo é nome de uma rua da cidade de Maputo

¹⁰ Babo é uma palavra do calão para designar casa dos participantes do da pesquisa e estas são feitas de caixas, plásticos e paus.

¹¹ Maçaroca é uma palavra do calão para designar droga (soruma).

tempo vais conhecer o mundo da rua. Quero acreditar que essa situação foi tal igual que Geertz (1973) e Sua esposa passaram em Bali quando assistiam a luta de galo, e em algum momento constitui um factor principal para a minha inserção no terreno.

Dias depois comecei a questionar os episódios, cenários e eventos que juntos vivíamos, assim como o que eu observava e ouvia. Na medida que questionava, os participantes ficavam animados e contavam sobre as suas rotinas, histórias de vida, até coisas que eu não questionava, mesmo assim eu não interrompia o fio de pensamento, porque quanto mais falavam mais coisas ficava a saber e a aprender sobre a vida antes da rua, na rua e depois da rua. Até que um dos participantes denominado Rafique me pergunta, *mano Tall Man, você não fala nada porquê? Fica a vontade você é nosso irmão.*

Diante dessa questão, eu dialogava comigo mesmo e lembrava dos pressupostos de Leach (1982) quando refere que um pesquisador ou observador antropólogo, deve sempre situar-se na posição de um aluno em relação aos seus informantes e em contra partida estes seriam os seus professores. Como também devia deixar estes falarem a vontade como preconiza (Malinowski 1974). Contudo, toda essa descrição do trabalho do campo condicionaram a minha inserção no local da pesquisa.

4.4. Constrangimentos no trabalho de campo

Ao longo da pesquisa passei por quatro constrangimentos. O primeiro tive no primeiro contacto com alguns “moradores de Mugorodes” quando apresentei-me a eles. Estes ameaçaram-me alegando que eu era jornalista. Devido a esse acontecimento, pensei em desistir de fazer a pesquisa porque não sabia como aproximar-me a eles.

Para superar este constrangimento recorri a um colega do curso que fez estudo com esse grupo de pessoas, e ele acompanhou-me a Associação Meninos de Moçambique, apresentou-me aos funcionários e estes apresentaram-me alguns “moradores de Mugorodes” que frequentavam a associação. Foi desse jeito que consegui ter acesso aos participantes.

O segundo constrangimento é referente a língua *Changana* que por sinal é a mais falada no contexto da pesquisa e eu pouco compreendia a língua. Durante a pesquisa muitas vezes ouvi conversas em *Changana* e poucas vezes em português. Para superar essa situação eu questionava os mesmos sobre o que conversavam em *changana* e eles traduziam em português. Outras vezes sem eu questionar, os participantes de estudo traduziam para mim principalmente quando alguém gozasse comigo.

O terceiro constrangimento aconteceu quando o “*Mugorode* do escuro 2” foi invadido pelos agentes da polícia. Até nesse dia eu era novato e pouco percebia sobre as regularidades daquelas residências e como faziam para fugir dos polícias. Quando os agentes da polícia chegaram ao “*Mugorode*” escuro 2, dispararam dois tiros ao ar e eu fiquei com medo e a tremer. Os meus companheiros já tinham fugido de um lugar que nunca haviam-me mostrado.

Para superar essa situação tive que fugir dos polícias do mesmo lugar que os outros usaram para fugir. Por eu ter fugido dos polícias, os participantes passaram a aceitar a minha presença em todos locais onde eles circulavam como “*Mugorodes*”, Centros, Mercados, Associações, “*Maquinta*” e “*Muchina*”, nesses locais tive acesso a outros participantes.

Uma outra situação ocorreu no “*Mugorode*” de Tobias as 8 horas quando um *bufo apaisana*¹² chegou no local. Na altura, eu estava a subir para entrar no “*Mugorode*” do Tobias e o polícia mandou-me descer. De seguida, General, Rafique e Paulo, desceram e fomos recolhidos para a primeira esquadra. Chegado lá o polícia conotou-me como ladrão e drogado pelo facto de estar com aquele grupo de pessoas.

Para superar essa situação pedi falar com o polícia e mostrei as minhas credências, uma da Universidade e a outra da primeira esquadra da cidade de Maputo que obtive dado ao sucedido anterior, mostrei o cartão de estudante e o número do chefe da operação da primeira esquadra.

¹² *Bufo apaisana* é uma palavra do calão usada no quotidiano para designar Polícia Civil

De seguida pedi para que o policial não informasse aos meus companheiros que eu estava munido de credenciais e que deixasse-nos ir embora, o pedido foi aceite. Por causa desse constrangimento saímos todos para o “*Mugorode*” da praça, chegado lá os meus companheiros disseram aos outros companheiros da praça: *mano Tall já é esperto, hoje nos ajudou, fomos recolhidos com aquele bufo apazaina no Tobias até na primeira esquadra, e mano Tall, conversou com ele, nos mandou ir embora, nem varremos, nem nos bateram* (Palavras proferidas pelo General no *Mugorode* da praça, depois de sairmos da primeira esquadra da cidade de Maputo). Diante dessa situação passei a frequentar os *Mugorodes* sem medo e sem restrição por parte dos participantes.

O quarto e último constrangimento é referente a alguns participantes do estudo estarem presos algumas vezes, e estes por vezes traduziam as conversas de changana para português, e quando estivessem presos eu acionava outros participantes próximo a eles para colher informações dos participantes presos e estes por vezes faziam a tradução.

5. Processo de Integração e Estratégias de Protecção dos Moradores de “*Mugorodes*” da Baixa da Cidade de Maputo

Neste capítulo apresento o trabalho em cinco secções, onde explico o processo de integração e as estratégias de protecção dos “Moradores de *Mugorodes*”.

Na primeira secção caracterizo os locais da pesquisa e na segunda explico as trajectórias que os participantes fazem até chegar a rua. Na terceira explico as formas de integração no contexto de rua, na quarta explico como os indivíduos aderem aos “*Mugorodes*”, como estes se protegem no contexto de rua, na quinta e ultima secção mostro como a família de proveniência é usada como estratégia de protecção. Com estas secções mostro que os “Moradores de “*Mugorode*” possuem estratégias próprias de integração e protecção, como também possuem relações com seus familiares de proveniência.

5.1. Contexto da pesquisa

Nesta secção mostro os grupos existentes no contexto de rua, faço a descrição dos locais de pesquisa, onde apresento, caracterizo e descrevo o que acontece nesses locais.

O local do estudo desta pesquisa é a zona da baixa da cidade de Maputo, neste local identifiquei cinco grupos de moradores de rua. Os primeiros são os meninos de rua, geralmente são nómadas, dormem nos passeios, nas varandas, nas escadas das lojas, nas bancas dos mercados e de baixo dos bancos da paragem dos transportes semi-colectivos. Estes estão constantemente nos contentores de lixo, nos semáforos pedindo esmola, para eles e outras vezes para pessoas mais velhas e mais antigas da rua.

Durante a pesquisa notei que estes tornam-se violentos e agressivos quando são provocados. Também notei que eles circulam nas primeiras horas da manhã, porque são os primeiros a acordarem.

O segundo grupo denomino de *Denguas*, são pessoas mais velhas do contexto de rua. Estes são os mais respeitados e temidos por todos os grupos de rua, porque forçam os mais novos a irem ao semáforo pedir esmola e também arrancam chinelos ou dinheiro aos mesmos. Existem três categorias de *Denguas*, os que vivem na casa de arrendamento, os que dormem nos “*Mugorodes*” e os que dormem e cozinham na rua.

O terceiro grupo denomino de Moradores do centro de acolhimento, é o grupo mais limpo, poucas vezes entram nos contentores de lixo, poucas vezes lavam carros. Também notei que alguns trabalham no mercado central, ajudando a carregar os cestos das pessoas que fazem compras e ajudam os negociantes a deitar lixo, a organizar a banca em troca desses serviços recebem comida ou dinheiro.

Percebi que no centro de *Nlayisseka* existem três grupos de moradores do centro, o primeiro visita os seus familiares de proveniência constantemente nos finais de semana, e voltam para o centro. O segundo visitam suas famílias de proveniência durante uma semana ou um mês, podendo voltar ao centro quando lhes der vontade. O terceiro grupo são aqueles que saem

constantemente do centro para os “*Mugorodes*” devido às políticas de reintegração familiar implementadas por alguns centros¹³.

O quarto grupo denomino de idosos¹⁴, notei que esse grupo de pessoas muitas das vezes estão acompanhadas de crianças quando se fazem a rua, nas quintas e nas sextas-feiras. Alguns regressam para suas casas e outras permanecem na rua. Os idosos são considerados de mendigos, porque pedem esmola nas avenidas da baixa da cidade de Maputo, restaurantes, bares, pastelarias, padarias, lojas e nos semáforos. Nestes lugares cruzam-se com os meninos de rua.

Os últimos denomino por moradores dos “*Mugorodes*”, são pessoas que vivem em zonas denominadas de “*Mugorodes*” e estes lugares são vulgarmente chamados de lugares abandonados ou ruínas. Este grupo de pessoas têm relações de amizade com seguranças das lojas, guardas noturno e alguns funcionários das instituições que se encontram próximos dos “*Mugorodes*”. Notei também que estes indivíduos mantêm ligações com suas famílias de proveniência, devidos as circunstâncias que eles enfrentam na rua e nos “*Mugorodes*”. Percebi que estes grupos têm um local onde encontram-se nas quintas-feiras e sextas-feiras. Nas quintas-feiras encontram-se no programa de máquina e nos mercados, nas sextas-feiras encontram-se no padre muchina e na rua Araújo no período da noite.

Dos grupos acima mencionados, a minha pesquisa centra-se no grupo dos moradores de “*Mugorodes*”, com os mesmos circulamos em locais como; associação de meninos de Moçambique, situada na baixa da cidade de Maputo, na rua consigieri pedroso, atrás da primeira esquadra de Maputo. A associação é um prédio de rés-do-chão e primeiro andar, que está pintado de cor branca. No rés-do-chão existem duas salas: uma de reunião e coordenação de actividades; tem uma mesa oval, congelador, estantes com arquivos de documentos e a outra sala é de entretenimento, onde os meninos brincam, assistem televisão, existe uma cadeira de sofá, uma

¹³ O centro procura integrar a criança no convívio familiar e estas não estão dispostas a voltar para suas famílias.

¹⁴ *Idosos* segundo as nações unidas são considerados idosos as pessoas que tenham 60 anos ou mais idades.

mesa, seis cadeiras de madeira, um aparelho sonoro, eles têm direito a água potável, acesso a brinquedos e fazem desenhos livres.

Existe um quarto onde guardam produtos e material de limpeza, nesta sala existem dois quartos de banho, um para os moradores de rua e outro para os funcionários. Observei que os moradores de rua fazem necessidades fora da associação, porque o quarto de banho deles reúne as seguintes condições; lugar para tomar banho e um lugar para urinar, o que faz com que estes defequem em outros lugares, embora a casa de banho dos formadores tenha um lugar para fazer as necessidades maiores. O primeiro andar contém três salas, uma com documentos, a outra é o gabinete do director e a última é sala da secretaria. Os indivíduos inscritos neste centro têm um cartão de hospital, onde apresentam no centro de saúde da CFM da baixa da cidade de Maputo em frente a praça dos trabalhadores.

Em frente da associação dos meninos de Moçambique, vulgarmente apelidada por eles como “medicina” está o “*Mugorode*” do Tobias, é um estaleiro abandonado situado no início da rua consigieri pedroso. A maior parte deste “*Mugorode*” não está coberto, não tem janelas nem portões. A entrada é aérea e para entrar nesse “*Mugorode*” deve-se subir uma árvore de amêndoa que está ligada ao muro do “*Mugorode*”, dentro do mesmo contém quartos, dois maiores e dois menores. Os maiores contém três camas e os restantes têm uma. O corredor faz de cozinha, contém um espaço que não está coberto onde usam como quarto de banho e para as necessidades fisiológicas.

“Nlayisseka”¹⁵ é uma casa de alvenaria pintada a cor verde e branca, e a casa está vedada por muro e contém dois portões, um para carro e outro para pessoas. Para além disso, existe uma varanda que é usada como sala de espera, uma guarita, existe também uma garagem para carro, uma sala de refeitório e uma casa de banho para os meninos. A *Nlayisseka* tem uma repartição do lado de fora, onde existe uma sala de entretenimento, gabinete do chefe de desporto e um quarto onde guardam o material desportivo. No interior existem três quartos, e igual número de salas de

¹⁵ *Nlayisseka* é nome de um centro de acolhimento de meninos de rua. Este centro fica situada na avenida guerra popular antes do semáforo da KFC da avenida Eduardo Mondlane.

aulas, uma cozinha, um corredor, um quarto de banho, um gabinete do coordenador e uma sala dos formadores.

Os meninos dormem nos albergues, têm direito as três refeições diárias. As 8 horas e 30 minutos é hora de saudações e resoluções de problemas e aconselhamento, de seguida vão a concentração para entoar o hino nacional, de lá vão directo para aulas de alfabetização, com quatro turmas de primeira classe, terceira classe, quarta classe e quinta classe. Os meninos são acompanhados para os albergues as 20 horas e de lá para o centro as 8 horas. As 15 horas as portas abrem para o passeio, onde a maioria deles vão ao mercado fazer suas actividades para ganhar dinheiro até as 17 e 30. Depois de fazerem as suas actividades nos mercados, eles voltam para o centro, depois do jantar são acompanhados para os albergues.

“*Mugorode do escuro um e dois*” são prédios degradados, o primeiro esta situado na avenida Samora Machel e o segundo na avenida 25 de Setembro em frente ao banco de Moçambique, ao lado de uma das lojas da Gringo.

Os meninos denominam de escuro 1 e 2 porque depois da queimada todo edifício ficou escuro e em cinzas, dentro do local tem divisões que os meninos chamam de quartos, um salão grande onde tem uma torneira, tomam banho e lavam roupa, por vezes cozinham. Do outro lado existe uma sala que contém uma tomada, onde carregam os telefones e bateria dos rádios.

“*Mugorode das barreiras do desportivo de Maputo*” é uma zona coberta de árvores, capim e muito calmo, os meninos constroem casas com recurso a paus de árvores, caixas e plásticos, os meninos fazem contribuições para comprarem alimentos para as refeições e por vezes cozinham tripas, patas e cabeça de galinha retiradas das lixeiras, oferecidos no mercado do povo em troca de certas actividades como; deitar lixo e catar água.

“*Mugorode da praça*” é um prédio em estado de degradação, situado na Av. Samora Machel em frente do centro cultural franco moçambicano e a casa de ferro. Este “*Mugorode*” denomina-se de “*Mugorode da praça*” por estar perto da praça da independência. Dentro do edifício cada

pessoa construiu sua casinha. Existe um quarto de banho e uma cozinha. Observei que os meninos consertam rádios e faróis, com peças que encontram nas lixeiras e no “mercado da estrela vermelha”. Durante a pesquisa segui os participantes para os seguintes mercados, Mercado central, do povo e estrela vermelha. O mercado central situa-se entre a avenida Karl Max e 25 de Setembro, o mercado do povo situa-se entre a avenida 24 de Julho e Ho-chi-min, o mercado de estrela vermelha localiza-se no bairro de Malhangalene entre avenida Maguiguana ao sul e a Rua da Munhuana ao norte.

5.2. De casa a rua: trajetórias dos “Moradores de Mugorodes”

Nesta secção mostro que as trajetórias dos participantes desta pesquisa de saída de casa para rua, decorrem da falta de atenção e medo que os indivíduos tem dos seus familiares. As trajetórias variam de indivíduo para indivíduo, isto pelo facto de eles terem lugar de proveniência e de residências diferentes como também, apresentam composições de agregados familiares diferentes.

De acordo com as conversas que tive com os meus participantes, alguns deles informaram-me que saíram da província de Gaza e Inhambane para estudar em Maputo. Devido as constantes contradições familiares, estes indivíduos acabaram parando na rua porque não tinham outro lugar para viver. Em alguns casos as trajetórias para rua são similares e em outros são diferentes.

General é morador de “*Mugorode* de Tobias”, tem 22 anos de idade, estudou até a 7^a classe, vivia na província de Gaza com seu pai e seus avos paternos. General passou a viver na cidade de Maputo no bairro de Magoanine em casa da tia ao pedido do seu avo para continuar com os estudos. Devido aos desentendimentos constantes com a sua tia, General saiu de casa e passou a viver com outra sua tia paterna na zona da brigada durante três meses. Depois de a tia ter se casado, pediu para que General regressasse a província de Gaza porque o seu marido não queria viver com ele. Sem dinheiro para voltar a Gaza e tendo problemas com sua tia materna, General acabou parando na rua. Como ele refere;

(...) Vivo aqui no “Mugorode” há 12 anos, antes de vir para rua vivia em Gaza com meu pai e meus avós, quando passei para a 6ª classe, minha avo Pediu a minha tia para viver comigo de modo a continuar com os meus estudos aqui em Maputo. A minha tia mandava-me muito e as vezes não mi dava comida. Por causa disto, discutimos e me expulsou de casa. Passei a viver com outra minha tia que vive na Brigada, ela é boazinha e até agora tenho ido para casa dela ficar duas semanas e de seguida volto a rua. Eu sai de casa dela quando ela se casou, isto porque o marido não gostava de mim. De tanto me chamar de marginal e Molowene, fiquei nervoso e lhe atirei uma pedra. Sai de casa, dormia nas varandas de casas vizinhas, foi quando conhece um amigo e este me levou a praia de costa do sol onde conheci meninos de rua e me trouxe aqui no *Mugorode* (General 22 anos de idade).

Como se pode compreender, o general quando sai de Gaza para Maputo, tinha sempre problemas nas suas relações familiares e isso fez com que ele passasse a dormir nas varandas de casas vizinhas, onde conheceu um amigo que lhe levou para a praia da costa do sol onde veio a conhecer um grupo de pessoas que vivem na rua.

Numa conversa que tive com o Celso, ele apresentou-me uma situação semelhante a do General. O Celso saiu de Inhambane para Maputo porque o pai lhe batia e não o deixava ir a escola, porque tinha que cuidar dos bois. Foi quando a madrastra disse para o Celso viver com os tios em Maputo. Chegado a Maputo, ele discutia frequentemente com a mulher do tio, alegando que ela lhe mandava muito e quando ele falava para o tio, este nada fazia. Como podemos ver no seu argumento:

(...) Saí de Inhambane para Maputo, porque meu pai não me deixava ir a escola, ele me batia por eu não ir pastar bois. Minha madrastra disse para eu vir aqui em Maputo, viver com meus tios irmãos da minha mãe, ela falava "teus tios têm dinheiro, vão-te cuidar bem e eles também são seus pais". Naquele tempo meus tios viviam no bairro da liberdade, mas lá eu não gostava da mulher do meu tio mais velho, ela mandava-me muito e quando eu negasse, ela falava para o meu tio. Eu levava a criança para creche, eu mesmo lhe dava

banho, isso já era abuso, até parece que eu não estava em casa do meu tio, e meu tio como era "Matreco" não falava nada. Um dia minha tia me mandou ir levar plástico que estava no carro, eu fui no carro encontrei telefone, levei e "bazei" para Maputo shopping center. Vende o telefone para uma senhora, assim começou a minha vida na rua. Eu voltei para casa 2 anos depois quando me atropelaram com carro. Passei a viver na rua, de vez em quando regressava a casa. (Celso 18 anos de idade).

O exemplo acima exposto permite nos compreender que, quando o Celso passou a viver com seus tios em Maputo esperava receber mais atenção e cuidados da parte dos mesmos. De acordo com a sua socialização, este assume o lugar do seu pai. Foi dessa maneira que o Celso contou a sua trajetória, a falta de atenção do pai e do tio, medo de voltar a casa por levar telefone ditaram a sua trajetória para rua.

Em seguida trago um exemplo de uma das participantes que teve toda a sua infância na cidade de Maputo, e descrevo a sua trajetória para a rua. A Margarida apresenta uma outra realidade. Da conversa que tive com ela, Margarida dizia que saiu de casa para a rua porque o padrasto pretendia manter relações sexuais com ela e quando relatou as histórias para a sua mãe e seus avós, eles não acreditaram. Tal como se pode constatar,

Quando vivia no Xipamanine com minha mãe e minha avó tudo estava bem, eu fazia meu negócio de pão e bajia na baixa e comprava minha roupa. Quando minha mãe se casou tudo mudou, fomos viver em Chamanculo. Meu padrasto proibiu-me de fazer meu negócio e dizia que vou-me prostituir. Quando minhas amigas vinham brincar, ele implicava com elas. Um dia minha mãe foi "guevar"¹⁶ no mercado do Zimpeto, dai, meu padrasto entrou no meu quarto e quis fazer relações sexuais comigo. Eu falei para a minha mãe e ela me insultou, voltei para casa da minha avó e ela disse para eu voltar para casa porque minha mãe estava sozinha sem ninguém para lhe ajudar com as tarefas de casa. Com medo do meu padrasto, fui parar no mercado onde eu vendia pão com badjia.

¹⁶ *Guevar* é uma palavra da língua changana para referir comprar produtos para revender.

Encontrei uns meninos, eram malta Cota Mael e fiquei de vez na rua. (Margarida 17 anos de idade).

Como ilustra a trajetória contada pela Margarida, o que lhe levou a sair de casa foi o medo que sentia do padrasto, pelo facto de este querer ter relações sexuais com ela e as repressões que os avós e a mãe fizeram quando ela contou que o padrasto a assediava. Isso mostra que a mãe e os avós não consideraram as preocupações da Margarida, o que impulsionou a saída dela de casa para rua.

A partir dos exemplos apresentados na presente secção podemos compreender que as trajetórias feitas pelos participantes desta pesquisa ocorrem de duas formas. A primeira é aquela que o indivíduo parte de casa dos seus pais para casa dos seus tios e de casa dos tios para rua. A segunda o indivíduo parte de casa dos seus pais para casa dos seus tios, de casa dos tios retoma a casa dos pais e de casa dos seus pais vai a rua. Essas trajetórias ajudaram a perceber que as motivações de saída de casa para a rua resultam dos desentendimentos familiares ou com alguns membros da família e medo que sentem dos mesmos, mas com o decorrer do tempo os mesmos indivíduos tem voltado a casa. Estes exemplos mostram igualmente que diferentemente da conclusão de Craidy (1998) que sustenta que pelo facto dos participantes da sua pesquisa não viverem com os seus familiares biológicos os considerava excluídos socialmente, os indivíduos quando chegam a rua passam por um processo de integração, assim como explico na secção seguinte.

5.3. Processo de integração dos moradores dos “Mugorodes” no contexto de Rua

Nesta secção explico que os indivíduos quando chegam a rua passam por um processo de integração. A partir da minha experiência no acto de inserção no campo e dos dados recolhidos entre os moradores dos “*Mugorodes*”, compreendi que a integração dos indivíduos no contexto de rua começa com a sua chegada a baixa da cidade de Maputo ou a praia da costa de sol. Nesses lugares, eles mantêm contacto com os moradores de rua e através de suas redes de amizades antes construídas e afinidades construídas no local, estes aliam-se a certos grupos e os membros dos grupos integram-nos nos “*Mugorodes*”. Essas amizades e afinidades tendem a ser em algum

momento resultantes de habilidades pessoais (humildade, obediência e esperteza) que de alguma forma funciona como trunfo para fazer parte do grupo dos moradores dos “*Mugorodes*”. A partir da conversa que tive com o General foi possível perceber como ocorre esse processo.

(...) Sai de casa numa tarde e "bazei" para a praia da costa do sol para brincar e banhar. O grupo do Ângelo me chamou para jogar bola, porque eles estavam incompletos. No final do jogo, eles levaram os meus chinelos, como eu precisava dos chinelos, lhes segui até no mercado central. Quando chegamos, lutei com Paulo e Analiria me chamou de General por causa da luta. Depois disto, eles me levaram para a medicina (Associação Meninos de Moçambique), onde conheci Sina sina, Muchina, Margarida e Anifa (General 22 anos de idade).

Como ilustra o exemplo acima, o processo de chegada a rua do General passou pela praia da costa do sol onde manteve o primeiro contacto com os moradores dos "*Mugorodes*" estes levaram-me para baixa, devido a briga que teve com um deles foi atribuído um nome fictício, por fim chegou a medicina (Associação de Meninos de Moçambique), onde conheceu outros moradores de rua.

Com base nas observações e conversas que tive, percebi ainda que quando os indivíduos chegam a baixa da cidade de Maputo, por vezes mantêm contacto com os moradores de rua, moradores de “*Mugorodes*”, *Denguas* e moradores de centros de acolhimento. E estes por sua vez procuram saber sobre a situação do novato e donde vem, o nome e o que aconteceu para que ele parasse na rua. Como refere Goffman (2002), as informações sobre o indivíduo ajudam a definir a situação, permitindo aos outros saberem de antemão o que espera o indivíduo deles e o que poderão eles esperar do indivíduo. Se dispuserem das informações adequadas, os outros saberão melhor como devem actuar a fim de obterem do indivíduo a resposta que desejarem.

Nesse momento surgem brigas, lutas, roubos, gozos onde o novato é atribuído um nome fictício. A nomeação fictícia não leva nenhum critério formal, depende das características físicas da pessoa, comportamento e costumes pessoais. Muitas das vezes quem atribui um nome a um

novato é a pessoa que detém mais poder, mais esperta ou que mais se destaca no grupo, como também a mais próxima do novato. Depois de alguns dias, o novato é levado para o “*Mugorode*”.

Chegado ao “*Mugorode*” o novato é mandado tirar água, lavar roupa, comprar produtos alimentares, pedir esmola no semáforo e é ensinado a respeitar os outros moradores de rua.

Passado algum tempo no “*Mugorode*”, o novato alia-se a um dos sub-grupos existentes nos “*Mugorode*”. Com os membros do sub-grupo, o novato conhece outros “*Mugorodes*”, centros, Máquina, padre Muchina e nesses lugares conhece outros moradores de rua, aprende como se proteger. Como refere Salomão.

Aprendi a entrar na rua com os Denguas, quando eles me obrigavam a pedir dinheiro no semáforo, me lembro dum dia quando o “Black” me deu cinquenta centavos para guardar, eu pensei que ele não podia precisar e comprei doce, no dia seguinte ele disse: “puto onde está o meu dinheiro?” eu disse que o dinheiro perdeu-se, foi quando ele falou “aumenta um zero nesse cinquenta centavos e ficas a me dever quinhentos meticais”. O Black me mandou pedir dinheiro nos semáforos para lhe pagar os 500 meticais. Ele ficou num canto a me controlar, depois levou todo o dinheiro, me abraçou e disse que eu era o putinho dele, assim passei a conversar com os Denguas (Salomão 14 anos de idade).

A partir da narrativa de Salomão, é possível compreender que os *Denguas* mandam os novatos para pedir esmola no semáforo. Nesse momento constroem relações de amizade, protecção como também o novato aprende a ganhar dinheiro.

Depois do novato apreender as regras de rua, conhecer os grupos existentes e estes o reconhecerem como membro, passa a não ser estranho. Nesse momento ele pode escolher ou ser escolhido para pertencer a um outro grupo. Como ilustra o exemplo a seguir,

Antes de vir aqui no “Mugorode” sofri muito quando dormia na rua, no tempo chuvoso aqui na baixa faz muito frio e nos cobríamos com caixas. As vezes os Denguas vinham nos roubar dinheiro ou nos arrancavam chinelos, as vezes fugíamos, e quando nos pegavam tínhamos de ir pedir esmola no semáforo. Quando comecei a namorar com o General passei a viver com ele no “Mugorode de Tobias”. Depois de algum tempo nosso namoro terminou, fui viver com Analiria no “Mugorode do desportivo” (Margarida 17 anos de idade).

A partir do exemplo da Margarida é possível perceber que as relações dos novatos com os *Denguas* constroem-se quando estes tiram os pertences dos meninos de rua. Apesar de eles afirmarem que são vingados pelos *Denguas*, percebe que este fenómeno constitui um processo de integração, porque é a partir dessas acções que eles se conhecem, se familiarizam uns com os outros e se protegem de determinadas situações indesejadas.

Depois dos novatos serem integrados no contexto de rua passam para o “*Mugorode*”, nessa altura, alguns encontram outras formas de obter dinheiro para além de entrarem nos semáforos. Como se pode ver no exemplo a seguir;

Eu entrava no semáforo quando cheguei a rua, mas quando passei a viver no "Mugorode da praça" aprendi com o "mano Tomas" a lavar carros. Depois o "Crista" me levou para o “Mugorode do desportivo”. Neste "Mugorode" aprendi a jogar e a procurar comida nos mercados. (Gaspar 16 anos de idade).

Este exemplo alinha-se com a conversa que tive com o Betinho, como se pode ver a seguir.

Aqui na rua depois de muito tempo ninguém te bate, os Denguas só te mandam tirar água ou ir comprar medicamentos para eles na farmácia. Por exemplo eles, os Denguas, sempre me mandavam para pedir esmola no semáforo, com o tempo passaram a me defender. De repente me levaram para o mercado do "Estrela Vermelha", me ensinarão a

vender telefones, agora consigo meu dinheiro, compro bom telefone, ando limpo e entro no "KFC" sem ser desprezado (Betinho 18 anos de idade).

No segundo momento percebi que as pessoas saem de casa e vão directo para os “*Mugorodes*”, através de amizades antes construídas no bairro. Como mostra a conversa que tive com Analiria;

Quando saí de casa vim directo para o “Mugorode do Tobias”, quem me incentivou a vir aqui foi rosa, ela já conhecia o General, mas não me falou que uma menina quando chega no Mugorode pela primeira vez, deve manter relações sexuais com alguns homens do “Mugorode”. (Analiria 20 anos de idade),

O trecho acima permite-nos compreender que existe uma integração directa no “*Mugorode*”, através da relação de amizade antes construída entre o novato e um dos membros do grupo do contexto de rua. Chegados ao “*Mugorode*”, as meninas são obrigadas a praticar relações sexuais com os rapazes mais destacados do “*Mugorode*”. Nesse processo percebe que, quando os moradores dos “*Mugorodes da praça*” ficam a saber que o “*Mugorode do desportivo*”, "escuro e Tobias" entrou uma novata, eles fazem a questão de lhes levarem para o seu próprio “*Mugorode*” e mantem relações sexuais com elas. Observemos a seguinte conversa:

Estou a pedir 10 meticais "mano Tall man" quero comprar pão e palone, ontem não consegui ir trabalhar no luso, porque Simeão e os amigos do "Mugorode da praça" vieram nos levar eu e Amélia e nos obrigaram a manter relações sexuais com eles. "Mano Tall man" se queres ter a certeza, pergunta Crista, Scalani ou Celso. Assim eu estou muita cansada e com dor (Mariamo "Mugorode Tobias")

Questionando ao Simeão e outros sobre essa situação, mencionaram duas razões pelas quais mantêm relações sexuais com elas. A primeira razão é de respeito, segundo eles, as meninas gostam de lhes inferiorizar quando têm dinheiro e ridicularizam as outras meninas por manterem relações sexuais forçadas. A segunda razão é de protecção. Segundo eles, as mulheres quando

estão nas suas actividades de venda de sexo na rua Araújo tem sido violentada pelos seus clientes. Como se pode ver no exemplo da conversa que tive com o Scalane.

Aqui no “Mugorode” quando uma menina chega, deve manter relações sexuais connosco, não todos, mas nós os mais velhos do “Mugorode” e aqueles que são um pouco espertos, isto acontece para elas não nos desprezarem e saberem que todos somos da rua. Elas também saem a ganhar, nós lhes defendemos quando os Denguas querem-lhes agredir ou roubar. (conversa com Scalani, no “Maquinta”).

Este exemplo permite compreender que o indivíduo é integrado no “*Mugorode*” quando respeita os mais antigos, obedece os mais velhos, respeitando as regras e os códigos, usadas pelos moradores de “*Mugorode*”.

Essa conclusão assemelha-se a explicação de Ascutti e Kishimoto (2002) ao defender que os meninos de rua de São Paulo vivem em grupos, criam códigos de sobrevivência. Os referidos códigos são conhecidos, reconhecidos e respondidos pelos iniciados na hora do perigo. E para um iniciado integrar-se no grupo dos meninos de rua é necessário obedecer, respeitar, vivenciar, expor-se aos perigos da mesma forma que os outros (Idem).

Na secção que se segue, explico como é que viver nos “Mugorodes”, usar pseudónimos (nomes fictícios) e andar limpo servem como estratégias de protecção para os “moradores de *Mugorode*”.

5.4.1. Estratégias de protecção nos Mugorodes

Na presente secção mostro que os moradores dos “*Mugorodes*” têm estratégias próprias de protecção. Primeiro explico que viver nos “*Mugorodes*”, usar nomes fictícios e andar limpo fazem parte das referidas estratégias de protecção. Assim como refere Celso,

“Mugorode” é uma casa para mim, é aqui onde eu durmo, lavo minha roupa e cozinho.

"Mugorode é diferente da rua, nas ruas estão sempre a nos tirarem fotos, e a nos filmarem

para sairmos no jornal ou na televisão, e conseqüentemente a nossa família fica a saber onde nos encontrar, não gostamos disso. (Celso 18 anos de idade).

O exemplo apresentado pelo Celso faz-nos compreender que o “*Mugorode*” para além de ser um lugar para viver, serve também como forma de se protegerem das pessoas que os fotografam. Além disso, os meninos de rua passam a viver no “*Mugorode*”, com medo que os seus amigos dos bairros os vejam a dormirem na rua, e como forma de os seus familiares não saberem que eles dormem na rua. O exemplo apresentado por Celso é similar a do Sina Sina, como se pode ver,

(...) “Mugorode da praça” é muito importante porque eu durmo a vontade, sem medo de ser visto com os meus amigos do bairro. Estando a viver no “Mugorode”, minha madrasta não vai-me encontrar e nem saberá onde eu durmo, caso ela decida procurar-me. (Sina Sina 24 anos de idade).

Um outro exemplo que mostra que viver no “*Mugorode*” é uma forma de protecção, é o exemplo da Margarida. Certo dia quando conversava com ela no campo do desportivo contou-me o seguinte.

(...) Sofri muito quando dormia na rua, no tempo de frio cobríamos caixas, outras pessoas vinham nos tirar fotos, depois vinham os Denguas para nos arrancarem dinheiro, quando não tivéssemos dinheiro, as vezes nos mandavam para o semáforo pedir esmola. Na rua não vale a pena, sofre-se muito, mas aqui no “Mugorode” eu estou bem, pelo menos tenho um lugar para tomar banho, dormir e guardar minhas coisas. (Margarida 17 anos de idade)

Se por um lado essa narrativa da Margarida mostra que “*Mugorode*” serve como forma dos indivíduos se protegerem, por outro lado o “*Mugorode*” é importante porque lhes providência conforto e privacidade.

De acordo com as minhas observações e conversas com os moradores de “*Mugorode*”, percebi que eles usam nomes fictícios. E perguntando o porquê de usarem nomes fictícios, os moradores de “*Mugorode*” apresentaram duas razões.

A primeira razão é a de integração. Segundo eles, os indivíduos quando chegam a rua é preciso se converterem para pertencerem a um grupo dos moradores de rua. Uma das formas de isso acontecer é o uso de nomes fictícios. A segunda é a de protecção, segundo eles, o uso de nomes fictícios garante a sua protecção, assim como protege outros moradores de “*Mugorode*”, porque com estes nomes fictícios, as pessoas que não pertencem ao contexto de rua como; familiares e polícias, dificilmente os encontram. Como mostra o exemplo que se segue,

"Sabe mano, aqui na rua quando chegas te atribuem um nome, isto porque quando tens um problema com alguém, eles te procuraram e como não conhecem o teu nome, não vão te encontrar. Mesmo quando a polícia diz "identifique-se" como não tens documento, podes inventar um nome qualquer, mas que tenha presença como César, (conversa com Paulo).

O trecho acima por um lado mostra que os nomes atribuídos aos moradores dos “*Mugorodes*” servem de protecção. Por outro lado, estes indivíduos não falam os seus nomes dos “*Mugorodes*” para uma pessoa que não pertence ao contexto de rua, nem mesmo para a polícia por não terem bilhete de identidade. Para além de omitirem seus nomes do “*Mugorode*” aos polícias, eles também omitem para pessoas que não são polícias, como podemos ver no exemplo a seguir,

Anifa é uma menina que já viveu no *Mugorode* de Tobias, mas com o andar do tempo passou a arrendar uma casa no bairro da "Polana Caniço". Num dia eu e o General decidimos ir a casa dela como noutras vezes, chegados lá apenas encontramos a dona de casa onde Anifa arrendava. Como mostra o exemplo que se segue,

Dona de casa- estão a procura de Anifa?

Tall Man- sim estamos, mas parece que ela não está.

Dona de casa- quando ela vier o que é que lhe digo?

General- diga-lhe que stressado e Wilson estiveram aqui e ela tem de vir na minha casa.

Tall Man - General porque é que não falaste os nossos nomes verdadeiros para aquela senhora?

General- nós não conhecemos quem ela é, pode si dar um dia lhe rambarmos¹⁷ na baixa e ela saberá quem somos. Nunca podes falar o teu nome próprio nem do ‘Mugorode’ a uma pessoa que não é do ‘Mugorode’ ou da rua e nem dizer onde ficas.

General ao ocultar os nossos nomes de “*Mugorode*” e dizer outros nomes fictícios, mostra que os nomes são manipulados de acordo com a situação para protecção pessoal, como também do grupo em geral. Um outro episódio que evidência um caso de género foi na medicina quando o director da mesma entrou e nos mandou limpar a sala de entretenimento.

Sina Sina- stressado vamos organizar aqui e irmos embora.

Tall Man - porque é que me chamaste de stressado?

Sina Sina- era para aquele boss não saber teu nome, podia tentar levar-te para sua casa como fizeram com a Rosa. (diálogo com Sina Sina no dia 22 de setembro de 2014 na Associação Meninos de Moçambique).

O trecho acima mostra que os indivíduos protegem-se de pessoas que não pertencem ao grupo de moradores de rua usando outros nomes fictícios, como mostra Goffman (2002), as pessoas manipulam suas identidades, moldam suas acções na presença de um estranho.

Os moradores de rua procuram andar limpos para não serem chamados de molewenes, por pessoas que não pertencem ao contexto de rua. E alguns andam limpos para não serem vistos como meninos de rua por seus familiares, meninas que não são do seu contexto e para não serem interpelados pelos polícias como refere Ângelo:

¹⁷ *Rambar* é um calão usado no dia-a-dia dos moradores do *Mugorode* para designar tirar algo de alguém sem o seu consentimento (roubar).

(...) É muito importante estar limpo e quando estiver na rua ter estilo, não andar com paços grandes nem apressado, assim as pitas não te fogem. As mamas quando te verem não vão esconder telefone e os policiaes nem desconfiaram que você é um *molowene*, mesmo teus primos ou amigos do bairro se te verem nem vão desconfiar que vives na rua (Ângelo 22 anos de idade).

Como podemos ver com este exemplo, estar limpo, andar com estilo e sem pressa são também estratégias de protecção. História similar aconteceu com Gaspar como mostro a seguir,

"Assim como estou limpo, ninguém me chamará de molowene e nem saberão que eu vivo no "Mugorode", para além de você e outros meninos de rua daqui da baixa. Muitos que andam sujos, e não tomam banho são aqueles que não gostam de ir nas casas deles. Uma pessoa como eu não pode andar sujo, porque minha avó e minha tia pensam que eu vivo no centro. Por isso sempre lavo minha roupa para estar limpo, pode se dar o caso de me encontrar com minha tia. Se eu tiver sujo vai descobrir que eu vivo na rua. (Gaspar 16 anos de idade).

Este exemplo de Gaspar alinha-se com a narrativa contada por "Cota Mazumbo" como ele se refere:

"Tudo que acontece aqui na rua, os policiaes falam que somos nós, mesmo na paragem ou no mercado alguém roubar dinheiro ou celular falam que somos nós que roubamos porque andamos sujos, então é preciso andar limpo e brincar com pessoas limpas para não ser chamado de "Molowene". Por exemplo, eu estou contigo aqui no Maputo Shopping Center e ninguém me foge e nem nos reparam muito, mesmo que aconteça algo e apareçam policiaes não nos levaram para a esquadra sem provas. Quando estás sujo ou a brincar com uma pessoa suja, os policiaes não perguntam quem foi, só vos carregam para esquadra. (Mazumbo 20 anos de idade).

Este exemplo reforça a ideia que sustento segundo a qual os moradores de “*Mugorode*” usam estratégias próprias de protecção. Assim o andar limpo é uma das estratégias para não serem vistos como ladrões e serem chamados de Molowenes.

Os moradores de “*Mugorode*” para além de se protegerem das pessoas que não pertencem ao contexto de rua, protegem-se também dos seus companheiros do contexto em que fazem parte. E isso pude perceber em duas situações. A primeira aconteceu quando eu fui escalado para cozinhar no “*Mugorode do desportivo*”, alegando que as mulheres não podiam cozinhar porque contribuíram a maior parte do dinheiro para se fazer o almoço. A segunda aconteceu quando estávamos em direcção ao “*Mugorode do escuro um*” e Gaspar recusava-se a andar com Mário alegando que este estava muito sujo.

As alegações ou justificativas dadas pelos meus participantes me parecem ser apenas um discurso, pois de acordo com as minhas observações, percebi que na primeira situação os meninos do “*Mugorode do desportivo*” não deixam as meninas cozinharem porque se envolvem sexualmente com muitos homens, fora do luso e dentro do “*Mugorode*”, e isso para eles constitui uma ameaça a saúde deles, porque elas depois de manterem relações sexuais não tomam banho. Como se pode ver no dialogo que tive com Scalane,

Tall Man - porque que é que ontem vocês me mandaram cozinhar em quanto a Analiria, margarida e gordinha estavam presentes?

Scalane - Mano Tall, na verdade essas damas não podem cozinhar para nós.

Tall Man - porque é que as meninas não podem cozinhar?

Scalane - aquelas damas dormem com muitos homens quando estão na vida, lá na rua Araujo e não tomam banho, para piorar quando fazem necessidades usam papel e não lavam as mãos. Se fosse as 19 horas, valia a pena, porque elas tomam banho para irem *se* prostituir. Agora as 11 horas ou 12 horas nem pensar. Já imaginaste uma mulher que sai do luso, que dormiu com muitos homens e não toma banho a cozinhar para ti?

Na segunda situação observei e percebe que o Gaspar não queria andar com o Mário porque este estava com o corpo coberto de borbulhas e estava sempre a coçar.

(...) Nós não podemos andar com Mário, ele tem borbulhas de sarna por causa de andar sujo e não toma banho, está sempre a coçar-se, pode nos contaminar sarnas, e aqui na rua todo mundo está proibido de ficar doente, porque ninguém procura dinheiro e comida para outro. (Gaspar 16 anos de idade).

Este exemplo de Gaspar permite perceber que o facto de Mário estar com sarnas e estar sempre a coçar-se, pode transmitir doenças aos outros e como forma de se protegerem dessa situação, eles procuram distanciar-se dele. Segundo as informações que tive sobre Mário, ele não só tem sarna como também tem tuberculose. Referiu Setenta e cinco.

A análise feita nessa secção permite compreender que os “moradores dos *Mugorodes*” no contexto de rua usam estratégias próprias de protecção como; viver nos “*Mugorodes*”, uso de nomes fictícios e andar limpo para escaparem dos polícias, pressão dos amigos assim como das pessoas que não fazem parte do contexto da rua. Para além dessas estratégias, a família de proveniência tende a ser usada também como estratégia de protecção como mostro na secção seguinte.

5.4.2. Estratégia de Protecção com família de proveniência

Na secção anterior mostrei que as estratégias de protecção que os indivíduos constroem no processo de integração, como viver no “*Mugorode*”, usar nomes fictícios, andar limpo, manter distancia das pessoas que possuem doenças contagiosas são usadas após a sua integração no contexto de rua e no “*Mugorode*”.

Nesta secção do trabalho mostro que existe uma ligação de protecção entre os moradores de “*Mugorodes*” e a família de proveniência. Essa relação de protecção que algumas delas mostrei na secção anterior, manifesta-se na medida em que os moradores de rua passam por qualquer tipo de infortúnio na rua ou no “*Mugorode*”, e a família tem sido o lugar ideal para se protegerem.

Com base nas observações e conversas que tive com os participantes, notei que os moradores dos “*Mugorodes*” têm uma ligação de protecção com suas famílias de proveniência. Essa relação verifica-se quando estes ficam doentes, têm problemas no contexto de rua e quando estão para dar parto (caso das meninas).

Relativamente aos problemas de saúde, estes indivíduos circulam nas avenidas da baixa da cidade de Maputo, e estão em constante movimento, circulando de um lado para o outro. O que faz com que alguns sejam atropelados. E quando isso acontece tendem a ir as suas casas de proveniência para receberem as devidas atenções. Como se pode ver no exemplo de Celso,

Há muito tempo aqui na rua, eu não era esperto. Um dia estava a jogar com "malta Biguilito no repinga", e um carro me bateu. Só acordei no hospital com cheio de sangue, me puseram gesso e um senhor me acompanhou de carro para o "repinga". Meus amigos me levaram para "Mugorode do desportivo", eu estava bem mal, não conseguia andar para ir procurar comida no mercado. As vezes ficava no “Mugorode” sozinho, dai Anifa me deu 50 meticais e fui para casa. Meus tios me perguntaram onde é que eu estava, e respondi que vivo no centro. Fiquei em casa depois de me insultarem com meu tio mais velho. Quando fiquei melhor, continuei em casa um tempo e depois voltei para rua. Agora eu vou quando quero roupa, quando estou doente e já não me insultam porque eles pensam que eu vivo no centro. (Celso 18 anos de idade).

Quando os moradores de rua enfrentam situações como a do Celso, eles procuram ir para a família de proveniência, como forma de garantir a sua protecção, porque na rua apesar de existir o companheirismo, a irmandade e as estratégias de protecção, os mesmos não superam as dificuldades apresentadas por Celso, porque ele não circulava para garantir a sua sobrevivência. A outra situação referente a família como estratégia de protecção é apresentada pela Analiria,

(...) Casa é casa, tarde ou cedo você tem de voltar, porque na rua existem problemas. A primeira vez que voltei a casa foi quando estava grávida, foi muito difícil, mas eu não

tinha outra saída porque estava sentir muitas dores e não conseguia ir me prostituir para conseguir algum dinheiro. Eu via outras minhas amigas que nasciam aqui no “Mugorode” passavam muito mal e outras perdiam o bebê, daí eu preferi ir nascer em casa. Quando minha filha nasceu, fiquei em casa durante um ano e depois voltei a rua. Na rua minha filha ficou muito doente e lhe levei de volta para casa, minha mãe e meu pai me insultaram, naquela vez fiquei em casa quase um ano e meio, e voltei para a rua, porque essa vida já está no sangue. Aqui estou e me sinto bem, mas as vezes volto para casa para ver a minha filha, só que já não lhe trago aqui porque criança atrapalha na hora de ir fazer dinheiro. (Analiria 20 anos de idade).

A história acima, evidência que apesar dos indivíduos se sentirem livres e a vontade no contexto da rua, existe uma ideia subjacente que a casa dos familiares de proveniência pode servir de refúgio em situações de confusões com a polícia, questões de saúde, acidentes e brigas entre eles.

Nesse sentido, o caso da Analiria permiti-nos entender que a sua situação de gravidez não permitia que ela permaneça-se no “*Mugorode*”, no entanto preferiu regressar a sua casa para ter um parto seguro e a sua filha nascesse em condições condignas e com um bom estado de saúde. Numa das minhas conversas com o Paulo, ele afirmou que sempre que tem problemas na rua vai de imediato para casa. O problema a qual Paulo se referiu tem a ver com roubos que ele tem feito. Como se pode ver no exemplo a seguir,

"Você sabe como é que é a vida da rua, para se ter dinheiro nós fazemos muitas ginásticas. Eu as vezes roubo, quando consigo alguma coisa fujo para a casa, as vezes quando tenho problemas com polícias, ou eles desconfiam que eu tenha feito alguma coisa, tenho ficado uns sete meses em casa, a espera do problema arrefecer aqui na rua. Já estive preso umas duas vezes, e meu irmão sempre trazia comida para mim. No próximo mês eu vou a casa e passarei as festas de natal e ano novo com meu irmão (conversa com Paulo).

O exemplo acima permite perceber que por um lado os moradores dos “*Mugorodes*” vão em casa como forma de se protegerem dos policiais, e dos problemas que eles enfrentam na rua. Por outro lado eles recorrem a família de proveniência para o convívio familiar.

A partir dos dados apresentados nessa seção, podemos compreender que existe dois tipos de trajetórias. O primeiro acontece quando o indivíduo parte de casa dos seus pais para casa dos seus tios e de lá para a rua, o segundo acontece quando o indivíduo parte de casa dos tios, regressam para casa dos pais e de seguida vai a rua. Chegados a rua o indivíduo é integrado nos grupos existentes no contexto de rua. Nesses grupos desenvolvem estratégias de proteção como uso de pseudônimo, viver no *Mugorode* e andar lindo. Essas estratégias eles usam para escaparem de policiais, pressão familiar e amigos como também recorrem a família de proveniência para tratarem das doenças.

\

6. Considerações finais

A presente pesquisa analisou o processo de integração e estratégias de protecção dos moradores de “*Mugorodes*” na baixa da cidade de Maputo. Da literatura que tive acesso identifiquei duas abordagens. A primeira abordagem defende que os “meninos de rua” são excluídos socialmente, a segunda abordagem defende que os “meninos de rua” possuem uma organização social. A primeira permite compreender a exclusão social dos meninos de rua, mas fica por compreender a forma como eles estão socialmente organizados. A segunda permite compreender a organização social existente entre os meninos de rua, ficando assim por compreender o processo de integração e protecção dos “moradores do *Mugorodes*” no contexto de rua.

De forma a compreender o processo de integração e estratégias de protecção dos “moradores de *Mugorodes*”, realizei um trabalho etnográfico em alguns *Mugorodes* na baixa da cidade de Maputo. Com base no material recolhido no campo é possível compreender que existe dois tipos de trajetórias. O primeiro acontece quando o indivíduo parte de casa dos seus pais para casa dos seus tios e de casa dos tios para rua. O segundo acontece quando o indivíduo parte de casa dos seus pais para casa dos seus tios, de casa dos tios retoma a casa dos pais e de lá vai a rua, mas com o decorrer do tempo os mesmos indivíduos têm voltado a casa.

O contexto de rua é marcado de grupos organizados como “meninos da rua”, “moradores de *Mugorodes*”, “moradores do centro de acolhimento”, Idosos e *Denguas*. Estes grupos têm regras e códigos que usam no quotidiano, dentre essas regras destacam-se respeitar as pessoas antigas, ter nome fictício, ser obediente perante os mais velhos e ser esperto. Quando chegam novas pessoas na rua são integradas nesses grupos existentes, e desenvolvem estratégias de reprodução social. Dentre várias estratégias que eles adoptam, tem a questão da protecção. Para protegerem-se eles usam nomes fictícios, alguns andam limpos e outros vivem nos *Mugorodes* para escapar rusga da polícia, pressão dos amigos e recorrem a família de proveniência para tratarem doenças, fugir de problemas da rua e do *Mugorode*.

Com estes resultados, o trabalho permite compreender que os “moradores de *Mugorodes*” tem organização e normas a semelhança do que Manjate (2014) mostrou, de tal forma possuem estratégias próprias de integração e de protecção como também, mantém relações com seus

familiares de proveniência. Diferentemente dos estudos anteriores (Craidy 1998; Cesne 1990; Rivotti 2007; Sixpence 2010) que consideram esse grupo de pessoas como excluídos e desprotegidos.

O presente trabalho sendo de carácter exploratório, abre possibilidades para a realização de pesquisas futuras. As mesmas poderão explorar aspectos como processo de distinção e estratificação social entre os “moradores de rua”. Porque os meninos de rua se diferenciam entre eles dos que andam limpos e daqueles que andam sujos.

Referências

Asciutti, C. M. e Kishimoto. (2002). “Crianças e Adolescentes em Situação de Rua”. Volpe, M. 2002. “Crianças e Adolescentes- de Menores à Sujeitos políticos”. In Muller e Morelli (org.). 2002. *Crianças e Adolescentes: A arte de sobreviver*. Maringá: Editora da Universidade Estácio de Maringá (UEM).

Bordieu, P. (1996). *Razões Práticas*. São Paulo: Papirus.

Cesne, I. (1990). *Criança da Rua: Um Desafio*. República de Moçambique: Secretaria de Estado de Acção Social.

Craidy, Carmen. (1998). *Meninos de rua e analfabetismo*. Porto alegre: são Paulo, editora Artes Medicas Sul Ltda Artmed.

Da Matta. R. (1997). *A Casa e a Rua: Espaço, Cidadania, Mulher e Morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco.

Geertz, Clifford. (1973). *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Goffman, E. (2002). *A Representação do Eu na Vida Quotidiana*. (10ª edição). Petrópolis: Vozes.

Ghirardi, M.I.G. et al (2005). “Vida na rua e cooperativismo: transitando pela produção de Valores”. *Interface - Comunic., Saúde, Educ.* v.9, n.8, p.601-10.

Grafmeyer, Y. (1994). *Sociologia Urbana. Coleção saber*. Publicações Europa-América. Portugal.

Leach, Edmund. (1982). *A diversidade da antropologia*. Lisboa: Edições 70.

Manjate, Inacio. (2014). *Moradores de Mugorodes: Um estudo sobre Organização Social entre os chamados meninos de rua da Cidade de Maputo*. Dissertação de licenciatura em antropologia. Universidade Eduardo Mondlane.

Malinowski, Bronislaw. (1974). “Argonautas do pacífico Ocidental”, *Ethnologia*, 6 (8): 17-37.

Maia, R. L. (2002). *Migração e redes de relação sociais em meios urbanos: um exemplo a partir do porto s/l: REVISTA de demografia histórica*.

Mead, G. H. (1973). *Espírito, persona y sociedad: desde el punto de vista del conductismo Social*. Barcelona: Paidós.

Oliveira, Cardoso de R. (2000). “Capítulo 1: o trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever”, in: *o trabalho do antropólogo*. São Paulo: editora UNESP, Pp. 17-36.

Pinto, C.A. (1995). *Sociologia da escola*. Mc Graw-Hill. Portugal.

Rivotti, A. (2007). *Estratégias de Sobrevivência e Existência na Cidade Nua*. Mestrado em Antropologia Urbana. Lisboa: Instituto Superior das Ciências do Trabalho e empresas. <http://frasesdereflexão.com.br>. Acedido em 10 de Novembro de 2014.

Robertz, B. (1994). “informal economy and family Strategies”. *Journal of Urban and Regional research*, vol. 18.

Sixpence, A. B. (2010). *Crianças Vulneráveis em Moçambique: Um Olhar Sobre Estigma na Permanência de Crianças que Vivem nas Ruas da Cidade de Maputo*. Monografia de Licenciatura em Sociologia na Universidade Eduardo Mondlane.

Sousa, Jorge Pedro. (2006). *Elementos da teoria e pesquisa da comunicação dos media*. Porto. 2ª Edição. Pp. 387-392.

Visani, Stefano. (2013). *A protecção social e as suas perspectivas em Angola*. <http://edukavita.blogspot.com/2013/01/conceitos-e-definicao-de-proteger.html>. acedido em 05 de Dezembro de 2015.